

O MODELO MÍTICO DE UM RELATO DE VIAGEM: LOS PASOS PERDIDOS, DE CARPENTIER

SILVIA M. S. CARVALHO*

Carpentier (1904-1980) nasceu em Havana, de pai francês e mãe russa. Exilou-se na França em 1928, após passar uns meses na prisão, por ter assinado um manifesto de estudantes contra Gerardo Machado. Este - como outros ditadores que governaram Cuba com a conivência e o apoio dos EUA - mantinha-se no poder pela força e pela corrupção, enquanto o povo vivia na miséria, com a economia da ilha totalmente dependente, devido à imposição do Platt Amendment norte-americano.

Na década seguinte, passada em Paris, estudou arquitetura, música e história da música, escrevendo depois, já no México, *La Música en Cuba*, obra em que procura recuperar - como o fará também nos romances - as raízes indígenas e negras da cultura hispano-americana.

Seu primeiro romance, *Ecuê-Yamba-O*, em que retrata a vida miserável dos negros em Havana e nas plantações de cana de açúcar, foi escrito ainda em Cuba, na prisão. É, no entanto, *El reino de este mundo* que inicia o seu caminho no gênero maravilhoso. Seguem-se os romances *Los Pasos perdidos* e, em 1962, *El siglo de las luces*, sua maior obra.

Em *Los pasos perdidos* (Novela - Editorial Letras Cubanas, Ciudad de la Habana, Cuba, 1985), o relato na primeira pessoa não nos revela em momento algum o nome do personagem central, ao qual não faltam certos traços autobiográficos. A novela é a história de um compositor hispano-americano, vivendo em Nova York, casado com uma atriz de teatro (Ruth), presa a um contrato que lhe deixa muito pouco tempo livre, sempre em viagens para apresentar a mesma peça de sucesso, já de há muito decorada, em palavras e gestos. O compositor, cujo sonho maior era tocar *Prometeus unbound* de Shelley, se vê obrigado a

* Docente do Programa.

escrever música para filmes, e se sente sufocado pelo desencanto em que caíra a sua vida conjugal, pela tecnocracia e mecanização urbanas e pela impossibilidade de, nessas condições, realizar-se efetivamente como compositor:

Habíamos caído en la era del Hombre-Avispa, del Hombre-Ninguno, en que las almas no se vendían al Diablo, sino al Contable o al Comité (p.14).

Procurando combater o tédio, o compositor se lança em aventuras noturnas, em companhia de uma amante (Mouche), influenciada pelo surrealismo e dada à astrologia. No modo como Carpentier - que, no início de sua carreira de escritor já fizera poesia no estilo de André Breton - retrata essa sua personagem, percebe-se a crítica ao surrealismo e às modas de inspiração oriental, que ele passa a sentir como movimentos de fuga.

Voltando à novela, uma nova turnê da companhia teatral afastará mais uma vez a esposa do compositor, justamente quando ele é obrigado a tirar férias e se aborrece, de antemão, com a perspectiva de de ter de ficar sozinho em casa. É então que, andando pelas ruas sem objetivos, o compositor passa pelo Museu Organográfico e acaba aceitando um convite do Curador para empreender uma expedição à América do Sul, a fim de conseguir para o museu uma coleção de instrumentos musicais raros, junto a uma tribo perdida nas selvas do Orenoco.

Mal toma conhecimento desses planos, a amante resolve transformá-los em férias para os dois. Assim é que, sem ser consultado e apático demais para opor-se até mesmo às sugestões de fraude da mulher com relação à obtenção da referida coleção, o nosso triste herói viajará acompanhado. Enquanto o avião o leva a uma pequena cidade hispano-americana, ele volta em pensamentos à infância, e figuras como as de sua mãe e de uma namoradina menina desfilam por sua mente. Mal os dois chegam ao hotel, uma revolução irrompe - algo mágico e caricato -, fazendo vítimas a esmo, nas ruas, desarranjando tudo no hotel, vitimando inclusive o regente da orquestra. Com toda essa confusão, é no entanto a primeira vez depois de muitos anos, que o narrador consegue dormir sem tomar sedativos.

Assim, Carpentier inaugura o 3º. capítulo, no qual finalmente o personagem consegue recuperar a sua vontade pessoal, com uma passagem do livro de Chilam Balam (o livro das tradições sagradas dos Mayas):

*será el tiempo en que tome camino, en que desate su rostro
y hable y vomite lo que tragó y suelte su sobrecarga...*

Movido pelo desejo de voltar às paragens de sua infância, de retroceder no tempo, resolve, contrariando a sua amante, tomar um ônibus que o levará, serra acima, a Puerto Asunción, uma pequena cidade já na selva, de onde chegaria mais tarde, de barco, à aldeia indígena. Nessa viagem pela selva, passa por lugares designados por nomes cuja sucessão sugere uma volta no tempo: Terras dos Cavalos, Vale dos Llamas, até as pré-culturais Terras do Pássaro...

A nona sinfonia, ouvida pelo rádio, o faz lembrar o pai, a infância, ao mesmo tempo que experimenta uma tristeza muito grande, sentindo que as promessas eleusinas que Beethoven põe na voz do coro (*todos os homens serão irmãos, onde teu vôo suave os alcançar*) foram traídas pelo século em que vivemos.

E é durante essa viagem pela selva, descrita detalhadamente com fortes imagens profundas, que o narrador experimenta sensações há muito esquecidas: contemplar o fogo, sentir o que é o silêncio, presenciar o companheirismo entre homem e cão, esquecer das horas deixando o relógio sem corda, ouvir a música anterior mesmo à própria música, das gotas da chuva, do vento nas folhas, da dança das árvores. Em uma das paradas do ônibus, uma nova passageira se incorpora à viagem: é Rosária, a moça nativa por quem o protagonista acaba por se apaixonar.

As três figuras femininas ligadas ao protagonista, representam cada qual um contexto cultural diferente: Ruth, a atriz medíocre, aprisionada pelos contratos e compromissos de turnês que, de tanto representar, se apresenta sempre artificialmente, mesmo quando em reuniões com os amigos; e que faz o nosso narrador sentir-se velho como Booz; Mouche, de quem só é referido o apelido (mosca), que se transforma numa estranha nas terras americanas num ambiente que ela não consegue entender e onde o artificialismo da sua vida fica a descoberto, transformando-a em um ser grotesco e irritante; ela, que executa sob encomenda mapas astrais e decorara o seu estúdio com as figuras da Hidra, do Navio de Argos de Ságitário e da cabeleira de Berenice, não consegue reconhecer constelação alguma no céu noturno; ela, que pretendia ser uma mulher livre, se assusta com as situações que ela mesma cria, ao aproximar-se de prostitutas ambulantes; ela, que controlava seu amante, agora é impotente para afastá-lo de uma moça muito simples, muito mais livre do que ela. Mouche acaba, assim, voltando no meio da viagem. Rosário que, ao dirigir-se ao nosso

viajante, passa a referir-se à si própria como *tu mujer*, o acompanha, assim, rio acima, até o povoado indígena Santa Monica de los Venados.

Temos, assim, Ruth que simboliza a própria *secura* da vida civilizada; Mouche, que representa a única alternativa que a civilização decadente oferece aos que querem fugir dessa *secura* mas que, como as moscas, evoca deterioração; e finalmente Rosário, cujo nome lembra a ele histórias de santas (ela própria lê *Genoveva de Brabante* e é expressão de um catolicismo rural, no qual a mulher do povo é contudo muito *dona do seu nariz*). Com ela, o protagonista vive um relacionamento que a sua fantasia aproxima do de Adão e Eva, num paraíso que tem as suas provações, mas que o faz reviver em toda plenitude, a tal ponto que é impulsionado irresistivelmente a compor. Na falta do texto de Shelley, acaba se decidindo a musicar a *Odisséia* de Homero, livro que lhe fora presenteado pelo capitão do barco, o grego Yannes, único capaz de encontrar a passagem secreta para Santa Mônica de los Venados, reconhecendo numa árvore da floresta a marca de três "Vs", esculpida no tronco.

Santa Mônica de los Venados é uma povoação que lhe parece uma das primeiras cidades do mundo, a bíblica Henoque, governada democraticamente por "el Adelantado", um antigo garimpeiro que não busca mais ouro e sim a reconquista de um paraíso terrenal, paraíso este que, ainda assim, começa a ser perturbado pela presença de um frei (frei Pedro de Henestrosa), preocupado em erguer uma igreja para a conversão das indígenas.

Sentindo que havia passado, no caminho percorrido, pelas provas que lhe foram impostas (tempestade no rio, passagem por pântanos com vegetação e animais putrefatos, fétidos, e outras provações do gênero), o compositor planeja enviar ao Museu a coleção de instrumentos musicais encomendada, e ficar ali para sempre, quando passa a se defrontar com dois problemas: a escassez de papel para escrever as partituras musicais e a insistência do frei para que se casasse com Rosário, apesar desta - para grande espanto dele - recusar o casamento.

É neste momento que um avião desce por perto da aldeia e se fica sabendo que Ruth e a firma em que ele trabalhava haviam mobilizado uma grande operação de resgate de quem se imaginava perdido na selva ou prisioneiro de alguma tribo indígena hostil. Volta, pois, à civilização, decidido a conseguir o divórcio de Ruth e a se abastecer de papel e materiais suficientes para o resto de sua vida. Voltaria a seguir para Santa Mônica de los Venados, onde viveria para sempre com Rosário, continuando a compor,

enviando as partituras aos amigos da cidade grande, ainda que eles não conseguissem que sua música fosse representada.

A história fantasiosa de sua aventura na selva, cuja exclusividade um jornal se propõe a comprar, deveria fornecer-lhe o dinheiro necessário para se livrar de Ruth e voltar à América do Sul.

Mouche, contudo, resolve contar à imprensa a sua versão da viagem, e ele, que fora festejado como herói, fica desmoralizado. O jornal devolve-lhe o relato recusado e as dificuldades financeiras o obrigam a ficar, em vez dos três meses previstos, mais de meio ano.

Quando finalmente consegue viajar, teimando em subir o rio com um barqueiro inexperiente, não encontra o caminho, pois os rios estão transbordados e o tronco riscado muito abaixo do nível das águas. Terá que esperar pelo grego e, enquanto espera, agora sim, trabalha sobre o poema de Shelley. Tempos depois, Yannes chega com seu barco, contando-lhe que encontrara diamantes na região mesma de Santa Mônica. Assim, conclui nosso protagonista, mais dias, menos dias, a paz naquelas paragens chegaria ao fim.

E Rosário? Não, Rosário não era Penélope, era agora mulher de Marcos, o filho do Adelantado.

O nosso compositor compreende que, na verdade, as pessoas ali nunca o haviam levado a sério, nunca haviam acreditado nele. Em que falhara? Não resistira à tentação de voltar, de olhar para trás mais uma vez apenas. Teria sido diferente, conclui ele, se tivesse qualquer outro ofício que não o de compor música, este ofício de fim de raça, pois *la única raza humana que está impedida de desligar-se de las fechas és la raza de quienes hacen arte...*

E, ao mesmo tempo que percebe que naquele momento terminaram as suas férias de Sísifo, ouve atrás de si um comentário de que o rio havia baixado e que, em um determinado ponto de sua margem tornava-se visível um estranho signo de 3 "Vs", traçado no tronco de uma árvore a uns três palmos abaixo da superfície.

Além de Prometeu (um Prometeu que só se liberta musicando o poema de Shelley, mas que está para sempre preso a seu ofício) e de Sísifo - para sempre preso à civilização -, um Ulisses inverso ao de Homero, cuja Penélope não o espera, nem sete anos, nem sete meses, e um Orfeu que Carpentier obriga a se mover num mundo que não é o da Grécia antiga, nem da Europa moderna, mas sim o mundo de florestas que falam do Popol-Vuh,

de Chilam-Balam, de Manóas e de outras miragens da colonização, estes são os modelos com que joga a imaginação do autor neste romance. Se o Orfeu de Carpentier não conseguiu ficar junto à sua Euridice no paraíso terrenal por causa de papéis, um deles - o do contrato matrimonial, de que ele precisava se desfazer -, outros muitos em branco, de que ele precisava para compor, é certo, contudo, que a viagem o fez renascer como compositor, o que significa, no caso, simplesmente renascer. E o personagem, da mesma forma que o seu autor, ambos artistas, continuarão compondo e escrevendo para dizer que, apesar de tudo, para quem quiser seguir *los pasos perdidos*, há um jeito de se descobrir a passagem, pois o signo existe e às vezes fica visível.